



USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz



FFLCH - FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretora: Prof. Dr.ª. Eni de Mesquita Samara

Humanitas
FFLCH/USP

CONSELHO EDITORIAL ACESSOR DA HUMANITAS

Presidente: Prof. Dr. Milton Meira do Nascimento

Membros: Prof. Dr. José Jeremias de Oliveira Filho (Ciências Sociais)

Prof. Dr. Victor Knoll (Filosofia)

Prof. Dr.ª. Sueli Angelo Furlan (Geografia)

Prof. Dr.ª. Vera Lúcia de Amaral Ferlini (História)

Prof. Dr.ª. Beth Brait (Letras)

PROJETO DE ESTUDO DA NORMA LINGÜÍSTICA
URBANA CULTA DE SÃO PAULO
(PROJETO NURC/SP - NÚCLEO USP)

Proibida a reprodução parcial ou integral desta obra por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por processo xerográfico, sem permissão expressa do editor (Lei nº. 9.610, de 19.02.98).

Todos os direitos desta edição reservados à:

Humanitas FFLCH/USP
Rua do Lago, 717 - Cid. Universitária
05508-900 - São Paulo - SP - Brasil
Tel.: 3091-2920 / Telefax: 3091-4593
e-mail: editflch@edu.usp.br
<http://www.flch.usp.br/humanitas>

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
agosto/2003

Prof. Jorge Viana de Moraes
Biblioteca Particular

ISBN 85-7506-113-5

PROJETO DE ESTUDOS DA NORMA LINGÜÍSTICA
URBANA DE SÃO PAULO
(PROJETO NUR/SP-NÚCLEO USP)

Ângela C. S. Rodrigues - Beth Brait - Diana L. P. de Barros - Dino Preti -
Hudinilson Urbano - Ieda M. Alves - J. Gaston Hilgert - Leonor Lopes Fávero -
Lygia C. D. Moraes - Paulo de T. Galembeck

ANÁLISE DE TEXTOS ORAIS

Dino Preti (Org.)

6ª edição

Humanitas
FFLCH/USP

2003

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	A. na [casa da sua irmã B. [sexta-feira? A. fizeram [lá... B. [cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima...ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.).
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, ubn, tá* (não por está: *tá?* você está brava?).
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::....(alongamento e pausa)*.
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois-pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

1. LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

Ângela C. Souza Rodrigues

1. Considerações introdutórias

As reflexões a serem desenvolvidas, neste capítulo, a respeito de língua falada e língua escrita, terão, como ponto de partida, algumas questões sugeridas pelo Diálogo entre Dois Informantes (D2) do Projeto NURC/SP abaixo transcrito:

L1 dizem né? -- você vê -- dentro da profissão do vendedor ... a coisa mais difícil é você manter realmente o indivíduo... é OItos horas em contato direto com os clientes... uma coisa:... realmente difícil... então a gente inclusive:... pede para que o indivíduo não perca tempo nesses horários certo?... e procure almoçar... no seu território de trabalho... por ali mesmo em vez de ter que se deslocar de um território de trabalho para sua casa

235 [

240 L2 para a sua residência...

L1 para voltar:... isso acarreta muita perda de tempo... mas a coisa mais difícil dentro da profissão do vendedor você realmente... é conseguir manter oito horas naquele território de trabalho SEM sair de lá... e MAIS uma vez eu... eu vejo a influência do clima e tudo mais... se é um clima chuvoso tal talvez até me ajude... nesse sentido eu posso ficar... e nem ter vontade de de sair de lá para me deslocar para algum outro local porque não dá também... perderia muito tempo... dia de chuva... conforme o:... o dia realmente

245

- 250 L2 prejudica nesse aspecto
 eu: eu lhe perguntaria aí dentro desse problema... você não... possui uma... um controle -- digamos assim -- em cima de você você deve produzir tanto num dia... ou...
 255 ou existe isso ou digamos um dia de chuva está um dia horrível para trabalhar um dia que você está indisposto você poderia pegar voltar para sua casa entrar num cinema distrair um pouco entende?... que (que você) você poderia fazer isso?
 L1 não... pode perfeitamente eu acho que:: essa:: essa::...
 260 essa responsabilidade... ela nos é atribuída...inclusive:: dentro da profissão de vendas o que:: interessa é:: ... faturar... entende?... para eles pouco importa:: às vezes a:: o tempo de de trabalho né?
 L2 como você utiliza o seu tempo de trabalho... ele tem
 L1 que ser... bem utilizado para você efetuar suas vendas
 265 ... uma vez que você utiliza...
 [mas existe um limite em que você deva um mínimo le/ levar neste tal de faturamento?
 [não não existe...não existe... não existe...
 L1 você tem uma vantagem sobre a gente entende? o dia
 270 L2 que você estiver chateado o dia estiver muito bonito você pode pegar seu carro e:: dar uma deslocada para o litoral e tal
 [é mas seria difícil né?
 L1 você vê que... para a subsistência você
 275 [um dia chuvoso
 L2 você precisa trabalhar bastante
 L1 precisa... um dia um dia de chuva você entra num cinema distrai um pouquinho...
 L2
 280 L1 não isso realmente não existe não há problema nenhum se o indivíduo que estiver assim bastante chateado qualquer coisa assim... VÊ... inclusive que o:: que o::... que o próprio a própria conduta dele naquele dia não está rendendo...
 L2 não é produtiva...
 L1 não é produtiva ele pode procurar uma uma outra forma qualquer de... espairer...
 L2 não deixa de ser um privilégio né?...nós ali dentro ficamos ali fechados você é obrigado a cumprir... as oito

- 290 L1 horas determinadas e...
 você vê que você ganha...
 [nem que for pra ficar fechado ali mas você fica ali... você já
 L2 pensou aquele TÉdio que negócio CHATO...
 L1 você vê que você ganha é em é em função da sua
 295 produção... nós estamos mudando um pouco para...
 profissão
 L2 pode já () aí...
 L1 você vê que vô/ que que nós ganhamos mesmo em em função
 300 mesmo da nossa produção... então... o motivo pelo qual é:: mais uma vez eu eu chamo o aspecto da da responsabilidade... a gente tem que ter porque eu dependo daquilo
 L2 certo...
 L1 se eu não fizer direito as minhas visitas ou se eu passar
 305 três quatro dias interrompendo meu serviço
 [ganhará menos
 L2 porque estou cansado... evidentemente
 L1 vou faturar menos vou ganhar menos
 L2 [lógico
 310 L1 e eles baseados em :::: em estatísticas em previsões eles podem mais ou menos saber como o indivíduo:: está se comportando...
 [então eles têm um certo controle sobre você certo?...
 L2 é um controle existe...
 315 L2 eles têm uma... o quanto normalmente você deveria produzir... se trabalhasse...
 L1 ah sim
 L2 aquele tempo
 L1 baseado evidentemente em estatísticas né?...em:: casos
 320 anteriores...
 L2 certo...
 L1 e tudo mais não existe aquela aquela rigidez aquele controle di/ diário

Trata-se do inquérito 62, diálogo entre dois jovens de 26 anos, ambos do sexo masculino, solteiros, filhos de pais paulistanos. O pri-

meiro, de agora em diante L1, é economista, exercendo atividades de vendedor, e o segundo, L2, é estatístico. Eles conversam sobre “instituições”, “ensino”, “profissões” e “tempo cronológico”. Neste trecho, o assunto da conversa é a profissão de vendedor: L1 faz comentários sobre as vantagens e percalços de sua profissão, ao responder às perguntas de L2 sobre a prática de venda; este, por sua vez, emite suas opiniões a respeito do ritmo de trabalho do vendedor. Trata-se de um diálogo bastante equilibrado entre “iguais lingüísticos”, uma conversa simétrica (Cf. cap. 9), cujo ritmo é dado pelos próprios interlocutores, que participam com espontaneidade do evento de fala e se mostram à vontade para, a qualquer momento, informar, perguntar, avaliar, enfim, ter a palavra (HILGHERT, 1990). No trecho sob análise, L2 divide com o documentador a tarefa de entrevistador, pois é ele quem, de fato, faz perguntas a L1; o documentador, por sua vez, atua como terceiro participante do diálogo.

Uma questão até certo ponto ingênua poderia ser feita pelo leitor leigo, não familiarizado com questões de língua: o texto sob análise constitui exemplo de língua falada ou de língua escrita?

Pelo menos, alguns sinais gráficos que o falante alfabetizado utiliza quando escreve ali estão facilmente identificáveis. É o caso de letras maiúsculas e minúsculas em:

- (1) manter oito horas naquele território SEM sair de lá... e mais uma vez eu... eu vejo a influência

(linhas 243-4)

ou dos diacríticos como os acentos agudos em território, difícil, horário, mínimo e circunflexo, em você, vê, influência, e o til para indicar nasalização em não, profissão, produção, além dos sinais de pontuação como o ponto de interrogação e as reticências. Além disso, separaram-se por um espaço em branco os vocábulos formais, isto é, as unidades lingüísticas de natureza semântica.

Por outro lado, outros sinais gráficos que não os convencionais da língua escrita também são utilizados no texto (CASTILHO e PRETI,

1986): [indica simultaneidade de vozes, --- indicam desvio temático, :: significam prolongamento de vogal e consoante, / indica truncamento de palavra, () correspondem à hipótese sobre o que se ouviu. Mais que isso, os próprios sinais da língua escrita utilizados no texto não têm o mesmo valor com que convencionalmente o alfabetizado os emprega: as reticências indicam qualquer pausa, que, aliás, ele normalmente representa na escrita por vírgula, ponto-e-vírgula ou ponto final; as letras maiúsculas, por sua vez, não indicam o início da frase, mas entoação enfática.

Nosso leitor, porém, sabe que os textos que constituem objeto de análise dos estudos do presente volume fazem parte do *corpus* de língua falada do Projeto NURC/SP; uma pequena amostra deste material foi publicada com o objetivo de facilitar o acesso de estudiosos a parte desse arquivo sonoro, fixado graficamente no plano escrito. O que foi realizado inicialmente no plano da oralidade, “materializou-se” aos olhos do leitor sob o aspecto gráfico, que evoca a fala. Ou seja, alguns inquéritos do NURC/SP foram fixados em dois momentos diferentes, e de duas maneiras diversas: inicialmente foram gravados em fitas, que podem ser ouvidas na sede do Projeto em São Paulo (USP) e Campinas (Unicamp); em segundo lugar, foram transcritos.

Instala-se a dúvida: a simples fixação dos inquéritos no plano escrito seria suficiente para dar-lhes o estatuto da língua escrita? O uso de sinais gráficos que representam elementos fonológicos e prosódicos seria suficiente para transformar um texto oral/falado em texto escrito? Em caso negativo, que outros traços distinguiriam o oral/falado (Cf. cap. 4) do escrito? Enfim, quais seriam as diferenças entre língua falada e língua escrita?

Buscar-se-á responder a algumas dessas questões no decorrer do presente trabalho.

2. Língua falada

Como vimos, no trecho em estudo, os interlocutores dialogam sobre a profissão de vendedor. Eles já sabiam, no início da gravação,

que um dos assuntos em torno dos quais giraria a conversa seria “profissões”; apesar disso, tal assunto passou a ser tema do diálogo somente no momento em que L1 o introduziu, como parte das considerações que vinham fazendo, desde o início do inquérito, a respeito do clima de São Paulo. Esse trecho da conversa não se desencadeou sob o estímulo de uma pergunta do documentador, o que comumente se verifica nos Diálogos entre Dois Informantes (D2) principalmente quando se iniciam; a troca de idéias sobre a profissão de L1 resultou da associação que ele fez entre as condições climáticas de São Paulo e a possibilidade, ou necessidade, de permanecer no escritório em dias chuvosos. Confira:

- (2) muita perda de tempo... mas a coisa mais difícil dentro da profissão do vendedor você realmente... é conseguir manter oito horas naquele território de trabalho SEM sair de lá... e MAIS uma vez eu... eu vejo a influência do clima e tudo mais... se é um clima chuvoso tal talvez

(linhas 241-5)

L1 está consciente de não fugir do assunto, digamos, principal, ao enfatizar “... e MAIS uma vez eu... eu vejo a influência do clima”, ênfase representada graficamente pelas letras maiúsculas. É L2 que “muda a direção da conversa” ao optar pelo abandono do assunto “clima” e manter o tópico “profissões”, o que ele faz ao perguntar sobre o possível controle que se exerceria sobre a produtividade dos vendedores. Mas não deixa de retomar o assunto, como se observa na sua fala da linha 270 a 278. Os dois interlocutores mostram-se inteiramente envolvidos, não só pelo assunto do diálogo, mas também pela própria interação, na medida em que trocam idéias sobre o tema com desenvoltura.

A análise deste trecho do inquérito nos sugere algumas reflexões sobre as características da língua falada.

2.1. Contexto conversacional

L1 e L2 estão exercendo, num dado momento e num dado espaço, uma atividade característica e privativa do ser humano: a atividade

uma tarefa antes de falar acontece
num contexto específico
 Análise de textos orais

verbal. Na situação de diálogo, os interlocutores alternam seus papéis de falante e ouvinte, e dessa atividade “a quatro mãos”, ou “a duas vozes”, resulta o texto conversacional, elaborado numa determinada situação de comunicação. Dizemos, então, que todo evento de fala acontece num contexto situacional específico, aqui entendido como o ambiente extralingüístico: a situação imediata, o momento e as circunstâncias em que tal evento acontece, envolvendo, inclusive, os próprios participantes com suas características individuais e possíveis laços que os unam.

A conversação é um evento de fala especial: corresponde a uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção para uma tarefa comum, que é a de trocar idéias sobre determinado assunto. Conversação natural, que ocorre espontaneamente no dia-a-dia, dá-se face a face, presentes os dois falantes, ao mesmo tempo, num mesmo espaço. É o caso da conversa que estamos analisando. De fato, apenas a identidade temporal é necessária, e não a identidade espacial, ou seja, a interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação, razão pela qual as conversas telefônicas também constituem exemplos de conversação. No caso dos diálogos do NURC/SP, muito pouca ou quase nenhuma informação possui o analista a respeito da situação específica em que foi feita cada uma das gravações. Sabe-se que, em geral, ficava a cargo dos informantes a escolha do local e da hora mais adequados para a conversa com o documentador. Uma ou outra referência a dados do contexto situacional é feita no decorrer da própria gravação, o que se ilustra na passagem, abaixo transcrita, do D2 343 (CASTILHO e PRETI, 1987).

- (3) L1 -- você viu se está gravando aí? --
 Doc. está está eu já deixo no automático...
 L1 -- ah o automático não indica velô/... --
 Doc. não... ((vozes distantes))

(linhas 8-11)

Os interlocutores mostram-se não só perfeitamente conscientes de que o diálogo está sendo gravado, mas também se preocupam, pelo menos no início do inquérito, com a presença do gravador. A conversa

só vai tornar-se mais descontraída quando eles se esquecem do aparelho. Neste mesmo trecho há referência a vozes distantes, outro dado de situação.

Outras vezes faz-se alusão à atmosfera descontraída em que se desenvolve a conversa pela referência a reações dos interlocutores, como risos. Cf. trecho do inquérito sob análise:

- (4) L1 a gente fica até mais alegre... você não acha? mais alegre ((risos e vozes))... o dia que faz as quatro estações no mesmo dia dia... é horrível né?

(linhas 30-2)

Assim, ainda que o analista possa dispor de alguns dados de situação passíveis de serem fixados nas gravações, elas nos privam de outras informações sobre o processo da interação, que podem ser surpreendidos na expressão facial, nos gestos, nos olhares, nos movimentos do corpo dos interlocutores, isto é, nos dados paralingüísticos (MARCUSCHI, 1986), que, combinados com os dados verbalizados, completam o quadro da interação. Todos esses elementos nos dão conta da atmosfera em que se desenrola a conversa. Na ausência deles, os dados de língua são pistas fundamentais para a montagem do contexto situacional da conversação, além dos dados relativos aos informantes, como idade, sexo, procedência, nível de escolaridade.

2.2. Planejamento e não-planejamento

Vimos que, no inquérito em estudo, os interlocutores sabiam que um dos assuntos da conversa seria "profissões", mas o texto não nos sugere que eles deveriam seguir um determinado plano de exposição, mesmo porque eles se mostram à vontade para, espontaneamente, mudar de assunto, ou retomar o tema inicial da conversa. Tal consideração remete à questão do planejamento discursivo.

Em geral, a conversação, como a que estamos analisando, inicia-se com o tópico que motivou a interação, ou encontro, isto é, ela se estabelece e se mantém na medida em que exista algo sobre o que conver-

sar (MARCUSCHI, 1986) e disponibilidade dos interlocutores para o diálogo. O tópico, entendido como aquilo a respeito do que se fala, é, e deve ser, desenvolvido pelos interlocutores. Associando a idéia de tópico à de planejamento discursivo, podemos dizer que uma primeira dimensão do processo do planejamento do discurso é a do planejamento temático: no caso presente, os dois interlocutores conversam sobre um tema estabelecido *a priori* pelo documentador. Mas, independentemente de ser o tema estabelecido "de fora para dentro", e não pelos interlocutores, a conversa sempre gira em torno de um assunto ou tema, condição indispensável para a coerência do produto da conversação, isto é, do texto conversacional.

Por outro lado, se, na conversação espontânea, o tema pode sugerir algum grau de planejamento, dificilmente se pode falar em formulação verbal planejada (URBANO, 1990). A questão do planejamento discursivo é discutida por Ochs (1979), que fala de quatro níveis de planejamento no discurso de falantes cultos de inglês: falado não planejado, falado planejado, escrito não planejado e escrito planejado.

O texto sob análise aponta para um discurso falado não planejado. Em termos mais gerais, a língua falada apresenta uma tendência para o não planejado, ou, ainda, com base nas idéias de Ochs, a língua falada é planejada localmente, isto é, constitui uma atividade administrada passo a passo.

Como já dissemos, o texto é resultado de um trabalho cooperativo dos dois interlocutores, que o vão compondo à medida que a conversa se realiza. Assim, planejamento e realização do discurso coincidem no eixo temporal, ou são praticamente concomitantes. Conseqüentemente, "cada turno pode colocar uma reorientação, mudança ou quebra do ponto de vista em curso" (MARCUSCHI, 1986), e marcas do processo de planejamento, ou de replanejamento, podem ser detectadas no texto falado. Tal fato se confirma na fala de L2 em:

- (5) L2 eu:: eu lhe perguntaria aí dentro desse problema
(linha 251) (grifo nosso)

Diante da possibilidade de L1 retomar o tópico “tempo climático e cronológico”, ele avisa ao seu interlocutor que pretende continuar a falar sobre “profissões” ao usar a expressão anafórica **aí dentro desse problema**, que remete ao assunto referido anteriormente, ou seja, a questão da flexibilidade de horário de trabalho dos vendedores. É L2 que vai mudar de novo a direção da conversa, desencadeando novo tópico, no trecho subsequente do inquérito, que se inicia com a questão:

(6) L2 certo certo... e você pretende continuar com isso?

(linha 324)

Com essa pergunta ele quer dizer: Você pretende continuar trabalhando como vendedor? Assim, a conversa se organiza à medida que se vai falando.

Podemos associar a idéia de não planejamento, ou de atividade administrada passo a passo, a uma outra característica da língua falada sugerida por Chafe (1979), que é a sua chamada fragmentação. Esta noção só pode ser entendida como parte das explicações que Chafe dá ao processamento da fala. Ele esclarece que observações a respeito da língua falada espontânea, feitas não só por ele, mas também por outros investigadores, conduziram à descoberta de que ela é produzida aos jatos, aos borbotões, que são unidades de idéia, ou significativas, com um contorno entonacional típico, e limitadas por pausas. A passagem de uma unidade para outra é feita muito rapidamente, o que torna o processo de falar bem mais acelerado do que o de escrever. Na fala, produzimos apenas uma idéia por vez; além disso, cada unidade de idéia tende a ser, na fala, menos longa e menos complexa do que na escrita.

A fala de L1 ilustra com propriedade as idéias de Chafe. Ela é entremeada de muitas pausas e alongamentos, fenômenos típicos da língua falada, que lhe vão dando tempo para organizar seu texto. Este, por sua vez, mostra-se fragmentado em termos sintáticos, pois frases são cortadas, ou as idéias são retomadas em frases estruturadas de uma maneira diferente daquela com que se anunciava. Percebe-se ruptura da

construção (anacoluto), na medida em que a frase se desvia de sua trajetória, tomando outra direção sintática. Verifique o exemplo que segue:

(7) L1 não... pode perfeitamente eu acho que:: essa:: essa::...
260 essa responsabilidade... ela nos é atribuída... inclusive::
dentro da profissão de vendas o que:: interessa é::...

(linhas 259-61)

Além de rupturas, são freqüentes as repetições de palavras e frases. Cf.:

(8) L1 não não existe...não existe...não existe...

(linha 269)

Em síntese, na língua falada as frases se apresentam mais independentes umas com relação às outras, e sua identificação e classificação funcional muitas vezes constitui problema de difícil solução.

Observa-se, portanto, que as características formais do texto falado aqui referidas estão relacionadas com o processo de planejamento da língua falada.

2.3. Envolvimento e distanciamento

Já nos referimos ao envolvimento dos interlocutores do inquérito sob análise com o assunto da conversa, ao comprometimento tácito de cada um deles com o tópico conversacional. Eles mostram terem aceitado o assunto sugerido pelo documentador, ou estarem perfeitamente de acordo com o tema, e a conversa que se desenrola sugere alguns procedimentos que confirmam a contínua sintonia dos interlocutores com o conteúdo do diálogo. Considerem-se os trechos abaixo transcritos:

(9) L1 (...) que se deslocar de um território de trabalho
para sua ca::sa...

- L1 [para a sua residência... para voltar:... isso acarreta
(linhas 238-40)
- (10) L1 que o próprio a própria conduta dele naquele dia não está rendendo...
L2 não é produtiva...
L1 não é produtiva ele pode procurar uma uma outra
forma
(linhas 283-6)
- (11) L1 porque estou cansado... evidentemente
[
L2 ganhará menos
L1 vou faturar menos vou ganhar menos
(linhas 306-8)

É evidente que cada um dos falantes está “seguindo o pensamento” de seu interlocutor. Em (9) e (11), L2 praticamente completa a fala de L1, sobrepondo sua voz à de L1. No segmento (10), a expressão “não está rendendo” de L1 é substituída pelo sinônimo “não é produtiva” de L2, que aceita a colaboração de seu interlocutor e a incorpora à sua fala, repetindo-a.

Ocorrências desse tipo exemplificam uma das facetas do fenômeno do envolvimento (CHAFFÉ, 1985), característico da língua falada. Trata-se do envolvimento dos interlocutores com o assunto da conversa, o que explica o próprio processo de elaboração do texto conversacional, que, já dissemos, é o resultado de um trabalho cooperativo, ou “a duas vozes”. Como os falantes se encontram em situação de interação face a face com seus interlocutores, podemos falar em mais dois outros tipos de envolvimento, ainda na esteira de Chaffé (1985): o do falante consigo mesmo ou ego-envolvimento, e o do falante com o ouvinte, relacionado com a dinâmica da interação com outra pessoa.

No texto sob análise, são diversas as marcas de envolvimento dos interlocutores. Considerem-se os exemplos abaixo:

- (12) L1 sair de lá... e MAIS uma vez eu... eu vejo a influência do clima e tudo mais... se é um clima chuvoso tal talvez até me ajude... nesse sentido eu posso ficar... e nem ter vontade de de sair de lá para me deslocar para algum
(linhas 244-7)
- (13) L1 não... pode perfeitamente eu acho que:: essa:: essa:... essa responsabilidade... ela nos é atribuída... inclusive::
(linhas 259-60)
- (14) L1 dizem né? -- você vê -- dentro da profissão do vendedor ... a coisa mais difícil é você manter realmente o indivíduo... é Oito horas em contato direto com os clientes... uma coisa:... realmente difícil... então a gente inclusive:... pede para que o indivíduo não perca
(linhas 231-5)

Em (12), temos um caso de ego-envolvimento explicitado pelos pronomes da 1ª pessoa do singular **eu** e **me**: L1, o vendedor, refere-se a si mesmo e às suas opiniões sobre a própria atividade. Em (13) e (14), ele se apresenta como parte do grupo de vendedores, donde sua preferência por **nos**, pronome da 1ª pessoa do plural, e **a gente**, substituto de **nós**. Os três casos constituem exemplos de envolvimento do locutor consigo mesmo.

Consideremos outras ocorrências:

- (15) L2 eu:: eu **lhe** perguntaria aí dentro desse problema... **você** não... possui uma... um controle -- digamos assim -- em cima de **você** **você** deve produzir tanto num dia... ou... ou existe isso ou digamos um dia de chuva está um dia horrível para trabalhar um dia que **você** está indisposto **você** poderia pegar voltar para sua casa entrar num cinema distrair um pouco entende?... que (que você) **você** poderia fazer isso?
(linhas 251-8)
- (16) L1 dizem né? -- **você** **vê** -- dentro da profissão do vendedor
(linha 231)

(17) L2 o tempo de trabalho né?

Os exemplos acima nos remetem à questão do envolvimento do ouvinte com o seu interlocutor. Tal envolvimento se torna nítido, em primeiro lugar, no uso de pronomes pessoais de 2ª pessoa **lhe** e **você** em (15). Em (16), a expressão **você vê**, e não exclusivamente o pronome **você**, denota o envolvimento do falante com o ouvinte: ele sugere a seu interlocutor que acompanhe seu raciocínio a respeito da profissão de vendas. Mais que isso, em (17), pelo uso do marcador **né**, L2 pede a L1 que confirme se interpretou corretamente a fala.

Por outro lado, perguntas e respostas também constituem marcas de envolvimento dos falantes, ou, mais que isso, constituem mecanismos típicos de construção do texto conversacional. Em (15), L2 não questiona diretamente L1 dizendo "eu lhe pergunto" alguma coisa; atenua o possível impacto do pedido de informação, sugerindo, inclusive, a possibilidade de o ouvinte não lhe responder a questão formulada, pelo uso da forma verbal de futuro do pretérito **perguntaria**, e mais ainda, pelo verbo **poder** na sua forma **poderia**. O uso desses procedimentos atenuadores não deixam de ser marcas do envolvimento do falante com seu ouvinte.

No decorrer do diálogo, os falantes estão sempre mostrando que compreendem a fala do seu interlocutor, assinalando que ele pode continuar falando como até então vinha fazendo porque o ouvinte se sente em sintonia com o que está ouvindo. São sinais de entendimento expressões como: **certo** (linhas 303 e 321); **lógico** (linha 309); **ah sim** (linha 317), conhecidos como marcadores conversacionais (Cf. Cap. 4).

Estas constatações confirmam ser o envolvimento uma característica da língua falada.

3. Língua escrita

As questões discutidas a respeito da língua falada serão agora retomadas tendo em vista as características da língua escrita. O ponto de partida para tais reflexões será o texto de **Carlos Drummond de Andrade** que segue.

A FALSA ETERNIDADE

"O verbo *prorrogar* entrou em pleno vigor, e não só se prorrogaram os mandatos como o vencimento das dívidas e dos compromissos de toda sorte. Tudo passou a existir além do tempo estabelecido. Em consequência, não havia mais tempo.

Então suprimiram-se os relógios, as agendas e os calendários. Foi eliminado o ensino de História. Para que História? Se tudo era a mesma coisa sem perspectiva de mudança.

A duração normal da vida também foi prorrogada e, porque a morte deixasse de existir, proclamou-se que tudo entrava no regime de eternidade. Aí começou a chover, e a eternidade se mostrou encharcada e lúgubre. E o seria para sempre, mas não foi. Um mecânico que se entediava em demasia com a eternidade aquática, inventou um dispositivo para não se molhar. Causou a maior admiração e começou a receber inúmeras encomendas. A chuva foi neutralizada e, por falta de objetivo, cessou. Todas as outras formas de duração infinita foram cessando igualmente.

Certa manhã, tornou-se irrefutável que a vida voltara ao signo do provisório e do contingente. Eram observados outra vez prazos, limites. Tudo refloresceu. O filósofo concluiu que não se deve plagiar a eternidade."

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.)

O autor nos fala de um fato que teria acontecido em algum momento, num plausível mundo dos humanos, quando deixou de existir o tempo e, conseqüentemente, a perspectiva de mudança. Tudo se tornou eterno, inclusive a chuva. Mas alguém descobriu um dispositivo para seu problema imediato de não se molhar e foi admirado por isso. Gradativamente, tudo foi deixando de ser eterno, como acontecera à chuva, e o provisório da existência voltou a se instalar. E a vida voltou a ser o que sempre fora: passageira, provisória, contingente.

Como alguém que tivesse assistido à distância ao desenrolar dos acontecimentos, o autor narra a história do mecânico que conseguiu mudar o rumo da História, para qualquer leitor que, eventualmente, venha a ler seu conto; independentemente de ser lido ou não, o conto existe para ele, o autor, mesmo que não se instale uma ponte entre o autor e o eventual leitor, via **processo** de leitura. Ou seja, a mensagem do autor não é transmitida de imediato ao leitor e, por isso, o escritor não recebe um retorno imediato para o que escreveu, resposta que será construída no ato da leitura pelo receptor da mensagem. Além disso, emissor e receptor não se constituem em protagonistas dos acontecimentos narrados e, muito menos, co-autores do texto, pois apenas o escritor o cria, não deixando sinais do processo de elaboração. Drummond nos apresenta um texto acabado, sem marcas de produção, um texto coeso, dotado de seqüenciação temporal, na medida em que os fatos narrados se sucedem cronologicamente.

Ninguém titubearia em rotular de língua escrita a que foi utilizada pelo artista em seu conto. Além de terem sido usados os sinais gráficos convencionais da escrita, como letras e diacríticos, e de o texto se apresentar distribuído em parágrafos, a leitura do texto escrito faz emergir uma oralidade que não é aquela típica da língua falada, mas confeccionada a partir do escrito, caracterizada por um jogo entonacional e de pausas, de uma musicalidade toda própria, característicos da língua escrita. Estes traços prosódicos são indicados pelos sinais de pontuação convencionais, com funções definidas nos compêndios de gramática normativa. Conseqüentemente, o texto sob análise não constitui transcrição de um texto falado, mas "nasceu" escrito, segundo intenção do seu autor.

3.1. Contexto escrito

A leitura do conto de Drummond leva a uma observação inicial sobre a situação do escritor com relação à do leitor como receptor da mensagem escrita: eles não ocupam ao mesmo tempo o mesmo espaço. Um lapso de tempo maior ou menor obrigatoriamente põe distância entre o ato de elaboração do texto pelo escritor e o ato de leitura pelo leitor. Aliás, o escritor nem mesmo sabe quem, eventualmente, lerá seu texto escrito, nem se pode afirmar que ele se preocupa com tal problema; ele constrói sozinho o seu texto. O isolamento do escritor com relação ao leitor faz com que este leitor só possa dispor de informações passadas no e pelo texto, já que não dispõe de dados do contexto situacional. A língua escrita tem de compensar a ausência da situação, fornecendo, lingüísticamente, informação a ela equivalente, ou, em tese, precisa haver a recuperação lingüística do componente situacional (HALLIDAY, 1974).

Além disso, escritor e leitor não alternam seus papéis no decorrer da elaboração do texto escrito, sempre a cargo de um único sujeito, seu autor. Ele se mostra sempre preocupado em produzir algo convincente para diferentes leitores, em diferentes momentos, em diferentes lugares (CHAFE, 1985).

No texto literário de Drummond, muito de sua beleza resulta das sugestões a respeito do mundo fictício, em que alguém pretendeu plagiar a eternidade, um mundo sem nome, atemporal, em que, de repente, "tudo passou a existir além do tempo estabelecido". Tudo se faz plausível no contexto criado pelo artista. No texto escrito, principalmente no literário, a totalidade da situação é fornecida pelo próprio contexto da obra.

O fato de escritor e leitor não estabelecerem uma interação face a face leva o escritor a não se preocupar por prender a atenção do leitor no momento em que escreve: o escritor tem mais tempo para pensar sobre o que escreve e como escreve, do mesmo modo que o leitor vai dispor de mais tempo para entender o escrito. O escritor, livre das pressões do tempo, tem condições de se abastecer de muitas informações

sobre o assunto que pretende desenvolver, assim como para se dedicar a uma organização mais cuidadosa dos procedimentos lingüísticos que vai adotar no seu texto escrito. Desse processo de elaboração resulta a língua escrita com suas especificidades.

3.2. Planejamento e não planejamento

O texto *A Falsa Eternidade* evidencia o escritor em sintonia com o seu momento. Dificilmente o leitor brasileiro deixa de perceber o Brasil de meados da década de 80, o Brasil das prorrogações de mandato e do adiamento de compromissos, como o pagamento da dívida externa. Mas, como artista, **Drummond** transcende o imediato e cria um mundo sem tempo, como resultado de suas reflexões sobre o provisório da vida. E foi este o tema desenvolvido pelo artista na narrativa que elaborou. Podemos falar, então, num planejamento temático como característica do escrito: qualquer um que se proponha a escrever, em princípio, sabe o tema que pretende desenvolver, escolha unilateral que não leva em conta interesses e predileções do eventual leitor. A par do planejamento temático, ocorre o planejamento lingüístico, ou seja, a formulação verbal é também planejada (URBANO, 1990). Assim, além de ser planejada, a língua escrita é também planejável (AKINNASO, 1982), pois pressupõe articulação tanto de idéias como de dados lingüísticos estabelecidos antes (ou durante?) do ato de escrever.

Em termos de Ochs (1979), o texto sob análise aponta para um discurso escrito planejado, planejamento que se torna evidente na estrutura narrativa. Trata-se de um texto coeso, dotado de seqüenciação temporal, termo usado no sentido estrito de tempo do "mundo real" (FÁVERO, 1991). Algumas expressões assinalam a ordenação das seqüências temporais, como: **então** (linha 4), **aí** (linha 9), **certa manhã** (linha 14).

Diante do texto acabado de **Drummond**, nada podemos dizer a respeito de possíveis revisões e formulações que tenha feito no decorrer de sua elaboração. Esta é outra característica da escrita: não fornecer

pistas, marcas aparentes a respeito do processo de criação. Geralmente ela esconde tais processos do leitor e mostra apenas o produto acabado (CHAFFE, 1985).

Como vimos, em 2.2, Chafe (1985) propõe a noção de unidade de idéia como ponto de partida para caracterização da língua falada e da língua escrita. Uma unidade de idéia expressa a totalidade de informação a que uma pessoa pode prestar atenção e que pode verbalizar confortavelmente. No texto escrito, tais unidades se evidenciam com clareza no uso de sinais de pontuação para indicação de seus limites ou para sugerir um jogo entonacional típico. A leitura do texto em voz alta faz emergir tais unidades de idéia. Na língua escrita, as unidades de idéia tendem a ser mais longas e mais complexas do que na língua falada. O escritor tem mais tempo e artifícios para aumentar o tamanho e a complexidade de uma unidade de idéia. O conto de Drummond apresenta alguns desses artifícios sugeridos por Chafe (1982):

1. Nominalizações – Nominalização é o processo pelo qual verbos e adjetivos se transformam em nomes que podem ser sujeito ou objeto de outros verbos ou objetos de preposições. É o caso de: o **vencimento** (das dívidas) (linha 02); o **ensino** (de História) (linha 05); (perspectiva de) **mudança** (linhas 05-06); a **duração** (normal da vida) (linha 07); (causou a maior) **admiração** (linha 11); (receber inúmeras) **encomendas**. A nominalização permite que uma noção, que é verbal na origem, seja inserida numa unidade de idéia como se fosse um nome.

2. Frases coordenadas – A possibilidade de se apresentarem coordenadas entre si sintagmas verbais, de um lado, e sintagmas nominais de outro, constitui outro artifício pelo qual maior quantidade de informação pode ser concentrada numa unidade de idéia. Sejam os exemplos abaixo:

- (18) e não só se prorrogaram os mandatos como o vencimento das dívidas e dos compromissos de toda sorte. (linhas 1-2)
- (19) Então suprimiram-se os relógios, as agendas e os calendários. (linha 4)
- (21) e a eternidade se mostrou encharcada e lúgubre. (linha 9)
- (21) A chuva foi neutralizada e, por falta de objetivo, cessou. (linha 12)
- (22) a vida voltara ao signo do provisório e do contingente. (linhas 14-5)

Se o autor optasse pelo desdobramento dos sintagmas coordenados em orações, o resultado seria, por exemplo, na frase (19), um período assim organizado: "Então suprimiram-se os relógios, suprimiram-se as agendas, suprimiram-se os calendários", período pesado, saturado pela repetição do verbo **suprimir**. Neste caso, a coordenação constitui um artifício que torna mais complexa uma unidade de idéia.

- (23) proclamou-se que tudo estava no regime de eternidade (linha 8)
 (24) tomou-se irrefutável que a vida voltara ao signo do provisório e do contingente. (linhas 15-6)
 (25) O filósofo concluiu que não se deve plagiar a eternidade. (linhas 16-7)

3. Frases ou orações dependentes – Estes artifícios detectados no conto de **Drummond** levam a confirmar as idéias de Chafe (1985), segundo o qual o maior tempo de que dispõe o escritor para escrever lhe dá condições para elaborar frases mais densas em termos de significado e mais complexas do ponto de vista sintático, resultando a integração de unidades de idéias em construções mais complexas.

3.3. Envolvimento e distanciamento

Como vimos, escritor e leitor não ocupam, ao mesmo tempo, o mesmo espaço no momento em que desempenham suas tarefas respectivas de elaborar e decodificar a mensagem escrita. Por isso, o escritor se mostra menos preocupado consigo mesmo, ou com qualquer interação direta com seu eventual leitor. De fato, ele se preocupa com o processo de elaboração de um texto consistente e defensável segundo padrões que ele mesmo estabelece. Nesse caso, é possível falarmos num distanciamento do escritor correspondente a um distanciamento da língua escrita (CHAFE, 1985). O escritor usa alguns artifícios lingüísticos para obtenção desse efeito de distanciamento, dos quais **Drummond** também faz uso.

O primeiro é o emprego de nomes abstratos: o **vencimento**, o **ensino**, a **mudança**, a **duração**, a **eternidade**.

Outro é o uso da voz passiva, de que **Drummond** faz uso de maneira expressiva. Considerem-se os exemplos abaixo:

Análise de textos orais

- (26) e não só se prorrogaram os mandatos (linha 1)
 (27) Então suprimiram-se os relógios, as agendas e os calendários. (linha 4)
 (28) Foi eliminado o ensino de História. (linhas 4-5)
 (29) A duração normal da vida também foi prorrogada. (linha 29)
 (30) Proclamou-se que tudo entrava no regime de eternidade. (linha 30)
 (31) A chuva foi neutralizada. (linha 12)
 (32) Eram observados outra vez prazos, limites. (linha 15)

Os dois tipos de construções passivas em português são utilizadas por **Drummond**, quer com auxiliar **ser**, quer com pronome apassivador **se**. Em nenhum dos casos ele explicita o agente da passiva, o que poderia ser feito nas frases com verbo **ser**, ainda que tal procedimento seja raro e artificial, muito do gosto do estilo técnico-científico. Assim, além de conseguir um efeito de distanciamento do que acontece no seu mundo plausível, torna claro que nesse contexto de passividade total, o único a agir, ou a reagir, é o mecânico, que muda a direção da História.

4. Conclusões

A análise dos dois textos, um de língua falada, outro de língua escrita, dá-nos oportunidade de apresentar, mais sistematicamente, algumas diferenças entre as duas faces da língua, ou as suas duas manifestações, a falada e a escrita.

Evidentemente, elas não se diferenciam apenas quanto à substância, ou à matéria-prima da língua, substância fônica percebida pela audição, a da língua falada, gráfica ou visual da língua escrita. Afinal, a língua escrita não constitui pura transcrição da falada. Ao mesmo tempo, não basta que a língua seja realizada oralmente, constituindo produto perceptível pela audição, para ser considerada falada. A oralidade é uma característica essencial da língua falada, mas não suficiente, o que faz com que notícias transmitidas por rádio e televisão, por exemplo, se caracterizem pela oralidade, mas não pelo caráter falado (HILGERT, 1991). São, de fato, textos escritos realizados oralmente.

Assim, as diferenças entre língua falada e língua escrita são de outra natureza, como se sugeriu no decorrer do trabalho; elas resultam de diferenças entre os processos de falar e de escrever, ou entre condições de produção do texto falado e do escrito.

Num primeiro momento, chamamos a atenção do leitor para os diferentes contextos de realização da fala e da escrita. A língua falada constitui uma atividade num contexto específico, resultado da tarefa cooperativa de dois interlocutores num mesmo momento e num mesmo espaço. Em outros termos, é a dialogicidade instaurada pela situação face a face (HILGERT, 1991) que caracteriza a língua falada.

Ao contrário, o ato de escrever constitui algo solitário: o escritor não interage com seu leitor, ele elabora seu texto sozinho, sem a colaboração do eventual leitor, e as tarefas de planejar e elaborar o texto são de sua inteira responsabilidade.

Num segundo momento, mostramos que duas outras características da língua falada em oposição à língua escrita resultam da diferença básica entre as condições de produção de uma e outra: tendência para o não planejamento e envolvimento da língua falada e planejamento e distanciamento (ou não envolvimento) da língua escrita. O texto falado apresenta marcas lingüísticas evidentes de seu planejamento passo a passo, como texto construído pelos locutores envolvidos na conversação, de que resultam frases mais fragmentadas do ponto de vista sintático.

O texto escrito não deixa marcas do processo de planejamento: ele se apresenta como um todo coeso, acabado, com frases mais densas e sintaticamente mais complexas.

Por outro lado, o envolvimento constitui característica da língua falada, entendido não só o envolvimento dos interlocutores com o assunto da conversa, mas também entre eles mesmos. O texto falado sob análise apresentou dados lingüísticos que confirmaram tal envolvimento. Ao contrário, o distanciamento confirmou-se no plano da língua escrita.

Em síntese, ainda que, tanto na produção falada como na escrita, o sistema lingüístico seja o mesmo, as regras de sua efetivação bem

como os meios empregados são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos diferenciados (RATH, 1979, apud MARCUSCHI, 1986).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKINNASO, F. N. Sobre as diferenças entre a linguagem escrita e a falada. On the differences between spoken and written language. *Language and Speech*, 25, 1982, 97-125.
- CASTILHO, A. T. e PRETI, D. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986, v. I – Elocuções Formais.
- _____. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986, v. II – Diálogos entre Dois Informantes.
- CHAFE, W. L. Integration and Involvement in Speaking, Writing, and Oral Literature. In: TANNEN, D. (Ed.). *Oral and written discourse*. Norwood: N. J., 1982.
- _____. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (Eds.). *Literacy, Language, and Learning: The Nature and Consequences of Reading and Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.
- HALLIDAY, M. A. K.; MCINTOSH, A.; STREVEN, P. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (Ed.). *Discourse and syntax*. New York: Academic, 1979.
- URBANO, H. Do oral para o escrito. *Anais do XXXVII Seminário do GEL*. Bauru, 1990.